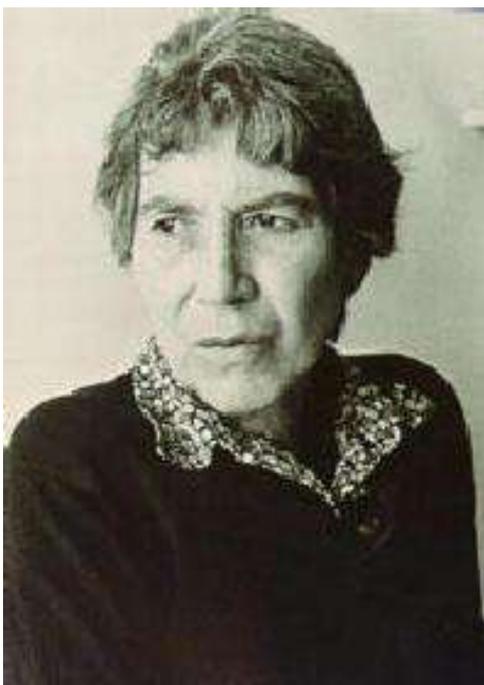


DUAS DE LETRA
GRUPO DE LEITORES DA BIBLIOTECA
FACULDADE DE PSICOLOGIA | INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Novembro 2019

GUIA DE LEITURA

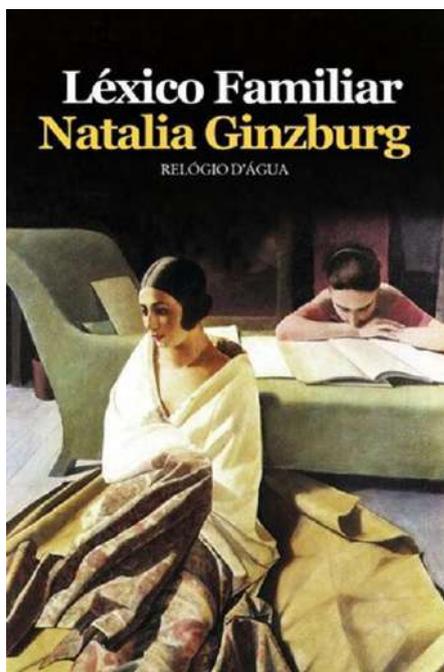
Léxico Familiar – Natalia Ginzburg



Natalia Ginzburg

Biografia: Natalia Ginzburg (1916 - 1991), judia, é uma das mais expressivas autoras do pós-guerra em Itália. Foi colaboradora da editora Einaudi durante muitos anos, mantendo contacto com expoentes da cultura italiana como Cesare Pavese e Italo Calvino. Nos seus primeiros escritos percebemos a influência de autores russos, em especial de Tchekhov. O cerne das suas narrativas é o ambiente doméstico: os relacionamentos e conflitos de um núcleo familiar. Aos 75 anos, foi eleita deputada independente e exerceu as suas funções no Parlamento italiano. Natalia Ginzburg é mãe de Carlo Ginzburg, historiador, antropólogo e especialista na análise dos processos da Inquisição nos séculos XVI e XVII.

Sinopse de *Léxico Familiar*:



Léxico Familiar é o principal livro de Natalia Ginzburg e um clássico da literatura italiana contemporânea. A narrativa acompanha a vida dos Levi, que viveram em Turim entre 1930 e 1950, período em que se assiste à ascensão do fascismo, à Segunda Guerra Mundial e aos acontecimentos que se lhe seguiram.

Natalia, uma das filhas do professor Levi, foi testemunha dos momentos íntimos da família e dessa conversa entre pais e irmãos que se converteu num idioma secreto. Nesta narrativa de pendor autobiográfico, os acontecimentos quotidianos misturam-se com reflexões que mantêm toda a atualidade.

O livro venceu em 1963 o Prémio Strega.

Livro "Léxico Familiar", de Natalia Ginzburg: Palavras, não as levou o vento

[SÍLVIA SOUTO CUNHA](#) 15.04.2019 (Visão)

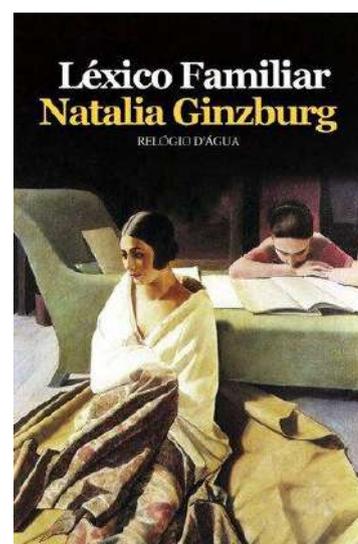
Livro de memórias familiares que, avisa a autora, deve ser lido como um romance. *Léxico Familiar*, de Natalia Ginzburg, é, de facto, um hino ao poder da palavra



Todos comungamos de uma mesma tradição oral – sejam os mitos coletivos, o idioma partilhado ou as mais modestas histórias de família. A escritora italiana Natalia Ginzburg (1916-1991) elevou estas últimas à condição de matéria-prima capaz de desenrolar tanto os fios da *petite histoire* como da História coletiva. *Léxico Familiar* é uma pérola que faz rir e chorar, e que cria ressonâncias nos leitores, mesmo que estes não tenham as mesmas memórias: ter quatro irmãos, uma família

cheia de idiossincrasias, um contexto político como o da ascensão do fascismo e a Segunda Guerra Mundial, amizades com escritores como Cesare Pavese e Italo Calvino, um luto traumático... O primeiro marido de Natalia, o antifascista Leone Ginzburg, foi exilado na aldeia de Abruzzo, e, depois, preso, torturado (e crucificado), morrendo em 1944 na prisão. Mas é a vida e é a força redentora das palavras que triunfam neste relato intimista, em que até os nomes usados são os verdadeiros.

A novela avança transportada pelas frases, pelos bordões, desabafos, exclamações tragicômicas, saídas de cena, expressões favoritas, desabafos e disparates enunciados por todos os protagonistas da biografia de Ginzburg: o pai, citologista judeu, que disparava o insulto de “cafre” a tudo o que lhe desagradava; a mãe, católica e amante de ópera, que recitava poemas à mesa; a avó cativada pela maneira como o futuro marido dizia “côreio” amaciando os R; os tios, amigos, filhos, fantasmas... São retratos verbais, identitários, que ritmam a prosa como uma canção: “Essas frases são o nosso latim, o vocabulário dos tempos idos são, como os hieróglifos dos egípcios ou dos assírio-babilónios, o testemunho de um núcleo vital que deixou de existir, mas que sobrevive nos seus textos, salvos da fúria das águas, da corrosão do tempo.” Viver para contá-la, escolheu Gabriel García Márquez para batizar as suas memórias. Contar como se viveu, diria Natalia.



***Léxico Familiar* (Relógio D'Água, 200 págs., €16) foi o primeiro livro de Natalia Ginzburg a ter sucesso editorial, publicado, em 1963, quando ela tinha 47 anos, após outros sete livros incluindo *Foi Assim* (1947), também traduzido em português.**

Um mundo, através da memória das palavras

José Riço Direitinho 1 de Abril de 2019 (Público)

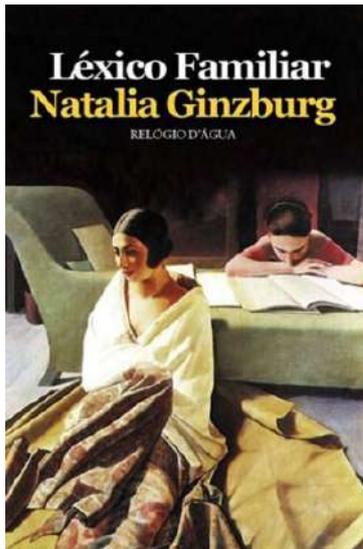
Em *Léxico Familiar* — um clássico da literatura italiana — reconstrói-se a vida de uma família, um tempo, um mundo, através da memória das palavras.



Léxico Familiar é uma espécie de autobiografia afectiva da autora, Natalia Ginzburg

Nascida numa família burguesa de origem judia, os Levi, a italiana Natalia Ginzburg (1916-1991) escreveu meia dúzia de romances, outros tantos livros de ensaios, e algumas novelas. O registo em tom autobiográfico esteve sempre muito presente na sua escrita. *Léxico Familiar* (1963) — considerado um clássico da literatura italiana contemporânea, e o principal livro da autora — tem também esse tom de quem conta de si, mas de um modo bastante singular: o “eu” que vai escrevendo aquilo que recorda não é central à narrativa, pouco aparece; percebe-se que foi participante dos acontecimentos mas que ao narrá-los se torna apenas numa sua testemunha, fazendo dos outros os verdadeiros biografados, são eles quem lhe importa. *Léxico Familiar* é assim uma espécie de autobiografia afectiva da autora.

Natalia Ginzburg adverte que não inventou nada, e recorda o seu “velho costume de romancista”: sempre que inventava, sentia-se de imediato impelida a destruir o que escrevera. Os nomes são reais. Escreveu apenas aquilo de que se lembrava, mas não escreveu tudo o que recordava; e de entre as lembranças deixou de fora tudo o que lhe dizia mais directamente respeito. “Não tinha muita vontade de falar de mim. Não se trata, com efeito, da minha história, mas antes, com vazios e lacunas, da história da minha família.”



A narrativa progride de maneira cronológica, mas à semelhança do que acontece nas lembranças, há acontecimentos que se cruzam, uns banais e outros mais importantes, há lapsos de tempo, há sobreposições aparentes, fragmentos do que se recorda ter visto e ouvido, personagens que surgem parecendo ser importantes mas que não mais tornam a aparecer: como a memória, a narrativa é um exercício lábil. Pelo meio vão surgindo também nomes famosos com quem a autora ou a família se relacionaram: o escritor Cesare Pavese, o editor Einaudi, os Olivetti das célebres máquinas de escrever, a filha de Modigliani, entre outros tantos. *Léxico Familiar* é um livro extraído da realidade, e como diz a autora, não se lhe pode “pedir nada mais, nem nada menos, do que um romance pode dar”.

A família Levi — Natalia adopta para a escrita o apelido Ginzburg, do primeiro marido — vive em Turim entre os anos de 1930 e 1950. O que nos é contado é a vida dessa família burguesa e judia, pais e cinco filhos, que tinha por costume passar o Verão na montanha, numa casa alugada: são situações domésticas, dificuldades financeiras, familiares mais ou menos singulares (um tio e uma prima), zangas entre irmãos, almoços, tardes de ócio e tédio, as leituras de Proust, as visitas de vizinhos, chás, preparativos para passeios. De entre todas, a voz narrativa parece eleger a figura do pai: o professor Giuseppe Levi, figura austera e severa nos juízos, que admirava Inglaterra, o socialismo, os romances de Zola, os passeios na montanha, e que de vez em quando se referia aos outros com arrogância chamando-lhes “cafres”. “Um ‘cafre’ era, para ele, alguém que tinha maneiras grotescas, atabalhoadas e tímidas, que se vestia de modo inadequado, que não sabia andar na montanha, que não sabia línguas estrangeiras.” Por outro lado, a mãe, Lidia, era o contraponto daquela severidade: meiga, entediada, comovente, sem rigidez nas regras.

O tempo em que decorre a narrativa começa nos anos da ascensão do fascismo e prolonga-se até ao pós-guerra — pelo meio acontecem as prisões fascistas. Mas o que em *Léxico Familiar* se vai descobrindo é o poder das palavras (ou das frases) na memória de todos nós, nas nossas histórias familiares. Como se as relações entre os vários elementos de uma família ficassem carimbadas por uma palavra ou por uma frase usada pelos dois. E é isso que torna aquele familiar (ou aquela família) singular: a identidade trazida pelo léxico usado e que se torna numa espécie de palavra-passe de acesso às memórias. Como acontece ao longo do livro, são as palavras que desencadeiam memórias: a palavra como a célebre madalena de Proust. Diz a narradora: “Basta uma palavra, uma frase: uma dessas frases antigas, ouvidas e repetidas infinitas vezes, no tempo da nossa infância. Basta dizermos: ‘Não viemos a Bérgamo para passear’ ou ‘a que é que fede o ácido sulfídrico’, para redescobrimos no mesmo instante as nossas relações de outrora, e a nossa infância e juventude, indissolavelmente ligadas a estas palavras.” Natalia Ginzburg reconstrói a história da sua família, a história de um tempo duro em Itália, do que era ser socialista e judeu em tempos de fascismo.

No livro “Léxico Familiar”, Natalia Ginzburg conta a história de sua família [Carolina Carettin May 6, 2018](#) ·



Léxico é o conjunto de vocábulos de uma língua. Em seu livro mais importante, Natalia Ginzburg nos apresenta seu *Léxico Familiar*, um retrato da vida de sua família a partir dos anos 30, na Itália. “Neste livro, lugares, fatos e pessoas são reais. Não inventei nada”, escreve. O livro, relançado pela Companhia das Letras, nos apresenta a família Levi, composta por Giuseppe, o pai; Lidia, a mãe; e seus cinco filhos: Alberto, Gino, Mario, Paola e Natalia.

“Somos cinco irmãos. Moramos em cidades diferentes, alguns de nós estão no exterior: e não nos correspondemos com frequência. Quando nos encontramos, podemos ser, um com o outro, indiferentes ou distraídos. Mas, entre nós, basta uma palavra. Basta uma palavra, uma frase: uma daquelas frases antigas, ouvidas e repetidas infinitas vezes, no tempo de nossa infância. Basta-nos dizer: ‘Não viemos a Bergamos para nos divertir’ ou ‘Do que é que o ácido sulfídrico tem cheiro’, para restabelecer de imediato nossas antigas relações, nossa infância e juventude, ligadas indissolúvelmente a essas frases, a essas palavras. Uma dessas frases ou palavras faria com que nós, irmãos, reconhecêssemos uns aos outros na escuridão de uma gruta, entre milhões de pessoas. Essas frases são o nosso latim, o vocabulário de nossos tempos idos é como os hieróglifos dos egípcios ou dos assírio-babilônios, o testemunho de um núcleo vital que deixou de existir, mas que sobrevive em seus textos, salvos da fúria das águas, da corrupção do tempo. Essas frases são o fundamento de nossa unidade familiar, que subsistirá enquanto estivermos no mundo, recriando-se e ressuscitando nos mais diferentes pontos do planeta (...).”

Natalia Ginzburg conta a história de sua família sempre dando ênfase a essas expressões e frases que, para eles, eram cheias de significado. No prefácio de Alejandro Zambra, o autor diz que é muito fácil para o leitor substituir algumas palavras e frases com algumas de sua própria família. Afinal, quem nunca ouviu várias vezes nos almoços de domingo a mesma história, o mesmo caso que aconteceu com a avó ou tio? Assim, a identificação com *Léxico Familiar* é muito grande, pois a linguagem faz parte do relacionamento familiar.

O fascismo em *Léxico Familiar*

A família Levi, além de judia, era socialista. Giuseppe Levi era professor universitário de anatomia humana e foi preso, assim como seus filhos Gino, Mario e Alberto, depois da criação das leis raciais na Europa. As leis, inclusive, fizeram com que a autora não pudesse usar seu nome na capa de seu primeiro romance, *La strada che va in città*, fazendo-a assinar com o nome de Alessandra Tornimparte. Nesse período, algumas famílias ficaram sem suas casas, tornando-se apátridas ou tendo suas vidas destruídas pela guerra que veio em seguida. Segundo o pesquisador Ettore Finazzi-Agrò, no pós-fácio, o judaísmo fica apenas como pano de fundo e interfere pouco no decorrer dos eventos. Porém, “a fé socialista entra logo em cena, com aquela alusão aos laços que ligam os membros da família a figuras eminentes do socialismo italiano”.

“ — Alberto! Prenderam o Alberto! Mas Alberto nunca se meteu com política! — dizia minha mãe atordoada. Meu pai dizia: — Ele foi preso porque é irmão de Mario! Porque é meu filho” Não por ser ele!”

As figuras às quais Finazzi-Agrò se refere estavam à frente do movimento socialista italiano e, algumas, inclusive, frequentavam a casa dos Levi. É o caso de Filippo Turati e Anna Kulichov, por exemplo. Advogado, político e jornalista, Turati foi um dos fundadores do Partido Socialista Italiano e se escondeu na casa dos Levi antes de fugir da Itália. Kulichov, revolucionária de origem russa, também teve grande influência no socialismo italiano e foi companheira de Turati.

Mulheres em Léxico Familiar

Sendo um retrato cru do cotidiano dos Levi e de seus filhos, *Léxico Familiar* aponta, mesmo que timidamente, comportamentos que evidenciam a submissão da mulher aos homens, seja marido ou pai. Já no início do livro, temos a descrição da mãe de Natalia, Lidia, sacudindo os cabelos grisalhos e crespos, que usava bem curtos. A autora conta que no dia em que a mãe cortou os cabelos, seu pai fez um escarcéu: “- Você cortou os cabelos de novo! Que burra que você é! — dizia meu pai, toda vez que ela voltava do cabeleireiro para casa.”

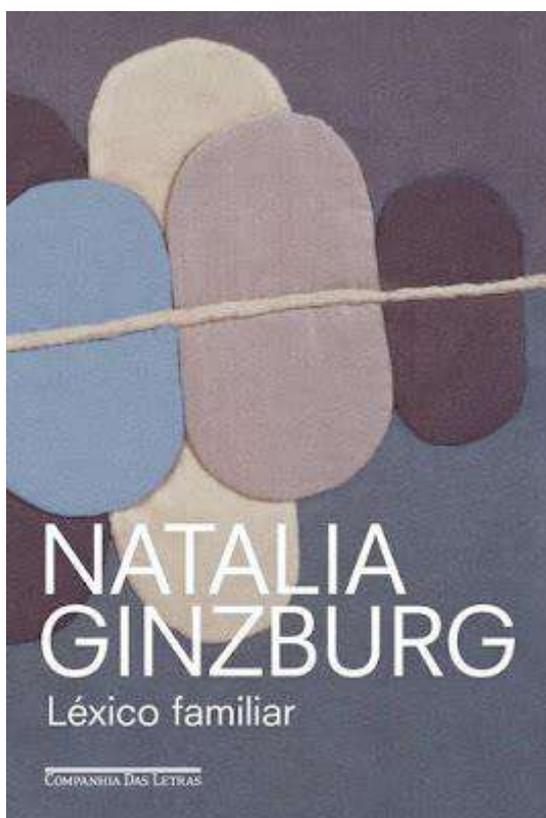
Com a irmã Paola, a questão dos cabelos continuou. Ela queria cortá-los, usar salto alto, ir dançar na casa das amigas e jogar tênis. Nada disso lhe era permitido. A situação era aceita, mas não sem que Paola ficasse brava e não falasse com o pai direito. Homem controlador em relação até ao casamento de seus filhos, homens ou mulheres, Giuseppe só relaxava quando o assunto era a educação de suas filhas. Gino e Mario iam bem com os estudos. Paola não estudava, mas por ser mulher, não tinha problema, “ainda que não tenham lá muita vontade de estudar, não faz mal, porque depois se casam”. Porém, quando Alberto chegava com a caderneta escolar cheia de notas ruins, o pai ficava possesso. - “Meu pai preocupava-se com o futuro de todos os seus filhos homens (...).”

A presença da autora

Como a autora mesma diz no início de *Léxico Familiar*, em uma parte chamada Advertência, ela não aparece tanto na história. Os acontecimentos que a atingem diretamente e com mais força, como a morte de seu primeiro marido, Leone Ginzburg, aparecem de forma sutil e no meio do texto, sem um desdobramento longo ou grandes explicações. Para contar a história de sua família, Ginzburg (que continuou usando o sobrenome de Leone mesmo após se casar com Gabriele Baldini) se esconde. Não sai completamente do cenário, pois seria impossível, mas adota a posição de narradora. Segundo a pesquisadora [Patricia Peterle](#), da Universidade Federal de Santa Catarina, na produção literária da autora “a memória e as lembranças são dois aspectos centrais da sua poética”. Aspectos que estão presentes em toda sua obra, mas que se encontram muito mais fortes em *Léxico Familiar*, o livro de sua família.

Natalia Ginzburg - Léxico familiar

Por [Alexandre Kovacs](#)



Natalia Ginzburg - Léxico familiar - Editora Companhia das Letras - 256 Páginas - Tradução: Homero Freitas de Andrade - Prefácio de Alejandro Zambra - Lançamento no Brasil: 19/02/2018 (Publicação original: 1963)

Há livros que são muito difíceis de explicar, não pela complexidade do argumento ou virtuosismo técnico do autor, muito pelo contrário, justamente nas obras supostamente mais simples é que reside o problema de identificar a sutileza ou o truque de mágica que encanta e sensibiliza o leitor. Assim ocorre com "*Léxico familiar*" de Natalia Ginzburg (1916-1991). Começo a resenha e não encontro paralelo na literatura clássica ou contemporânea em que possa me apoiar para explicar esta obra por comparação, tenho que começar do zero.

A autora escreveu uma autobiografia afetiva, narrando detalhes do cotidiano de sua família, desde o início da década de 1930 na Itália, período de crescimento do fascismo de Mussolini, anterior à Segunda Grande Guerra, até o período de pós-guerra. Um período negro da história mundial, principalmente para uma família judia e simpatizante do socialismo. No entanto, a narrativa é sempre centrada no microcosmo familiar, testemunhada pelos olhos da autora desde o tempo de menina. A chave para o processo narrativo é a lembrança das palavras e frases que constituíam as relações entre o pai, a mãe e os cinco filhos. Portanto, o truque de Ginzburg é revelar os efeitos do mundo exterior neste núcleo familiar, como a vida vai se adaptando à partir das mudanças no cenário político da Itália e da Europa como um todo. Outra peculiaridade deste livro é contar somente com "*lugares, fatos e pessoas reais*", mas ao mesmo tempo flertar com a ficção, como ocorre com certa frequência nos relatos memorialistas.

"Neste livro, lugares, fatos e pessoas são reais. Não inventei nada: e toda vez que, nas pegadas do meu velho costume de romancista, inventava, logo me sentia impelida a destruir tudo o que inventara. (...) Escrevi apenas aquilo de que me lembrava. Por isso, se este livro for lido como uma crônica, será possível objetar que apresenta infinitas lacunas. Embora extraído da realidade, acho que deva ser lido como se fosse um romance: ou seja, sem exigir dele nada a mais, ou a menos, do que um romance pode oferecer. (...) Não sentia muita vontade de falar de mim. De fato, esta não é a minha história, mas antes, mesmo com vazios e lacunas, a história de minha família. Devo acrescentar que, no decorrer de minha infância e adolescência, propunha-me sempre a escrever um livro que contasse sobre as pessoas que viviam, então, ao meu redor. Este, em parte, é aquele livro: mas só em parte, porque a memória é lábil, e porque os livros extraídos da realidade

frequentemente não passam de tênues vislumbres e estilhaços de tudo o que vimos e ouvimos." - Advertência (Págs. 15 e 16)

Neste ponto da resenha, o leitor poderá estar imaginando que o relato de Natalia Ginzburg assemelha-se ao de Primo Levi (1919-1987), outro grande escritor italiano, que contou os horrores do nazismo e do holocausto. Aqui a comparação ajuda no sentido de oposição, pois os estilos são radicalmente diferentes. Em "*Léxico familiar*" a autora se recusa a assumir o papel de vítima, embora certamente o seja, ela evita descrever os detalhes das perseguições raciais ou a brutalidade da guerra, seus personagens são pessoas simples do povo, amigos, vizinhos e familiares. Embora, muitas vezes, sejam citados personalidades famosas da política e cultura italiana do século XX, tais como: Cesare Pavese (poeta e romancista), Giulio Einaudi (fundador da famosa editora), Carlo Levi (escritor e pintor), Leone Ginzburg (professor e tradutor) e muitos outros.

E, no entanto, como uma série de fragmentos de história familiares e frases perdidas pode originar uma narrativa tão original? A própria autora descreve a importância deste léxico particular no seguinte trecho: "*Uma dessas frases ou palavras faria com que nós, irmãos, reconhecêssemos uns aos outros na escuridão de uma gruta, entre milhões de pessoas (...) Essas frases são o nosso latim, o vocabulário de nossos tempos idos, como os hieróglifos dos egípcios ou dos assírio-babilônicos, o testemunho de um núcleo vital que deixou de existir, mas que sobrevive em seus textos, salvos da fúria das águas, da corrupção do tempo*". O trecho abaixo do posfácio de Ettore Finazzi-Agrò é a ajuda que preciso para descrever como funciona o estilo da "*memória afetiva*" ou "*gramática sentimental*":

"Nesta obra a lembrança se desenrola seguindo os fios da linguagem, contendo na fala termos e acentos que, sendo de todos, são no entanto particulares, identificam uma dimensão e a circunscrevem: é esta, talvez, a causa do grande fascínio proeminente, ainda hoje, de 'Léxico familiar', ou seja, a capacidade de reconstruir um mundo perdido sobretudo graças à memória das palavras que nele habitavam e que ninguém fora dele poderia entender plenamente senão tendo à mão esta gramática sentimental, cuja linguagem é própria, pois comum, e se torna comum a partir do 'dialeto' compartilhado entre os membros da família. (...) E o texto se torna, assim, uma partitura, sinfonia de vozes e notas, de frases repetidas e de versos esmigalhados, reduzidos à pura alusão fônica." - Posfácio de Ettore Finazzi-Agrò - "O bordado da memória" (Pág. 243)

O livro, herança do acervo da extinta Editora Cosac Naify (Coleção Mulheres Modernistas), foi relançado agora pela Companhia das Letras com prefácio inédito de Alejandro Zambra, um escritor perfeito para apresentar o trabalho de Natalia Ginzburg, simples e essencial.